

A parte oscura de nós mesmos



Transmissão da Psicanálise

diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

Elisabeth Roudinesco

A parte obscura de nós mesmos
Uma história dos perversos

Tradução:
André Telles

Revisão técnica:
Marco Antonio Coutinho Jorge



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Título original:
La part obscure de nous-mêmes
(*Une histoire des pervers*)

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 2007 por Éditions Albin Michel,
de Paris, França

Copyright © 2007, Éditions Albin Michel

Copyright da edição brasileira © 2008:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication Carlos
Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien
du Ministère français des Affaires Étrangères et Européennes.

Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação Carlos
Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do
Ministério francês das Relações Exteriores e Européias.

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R765p Roudinesco, Elisabeth, 1944-
A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos /
Elisabeth Roudinesco; tradução André Telles; revisão técnica Marco
Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
(Transmissão da psicanálise)

Tradução de: *La part obscure de nous-mêmes: une histoire des
pervers*
ISBN 978-85-378-0081-2

1. Perversão sexual – História. 2. Psicanálise e literatura. 3. Per-
versão sexual na literatura. I. Título. II. Série.

Sumário

Introdução • 7

1 O sublime e o abjeto • 15

2 Sade para e contra si mesmo • 44

3 Iluminismo sombrio ou ciência bárbara? • 76

4 As confissões de Auschwitz • 125

5 A sociedade perversa • 163

Agradecimentos • 222

“Quanto maior a beleza, maior a ignomínia.”

GEORGES BATAILLE

Introdução

Embora as perversões sexuais constituam objeto de diversos estudos, dentre os quais dicionários especializados (de sexologia, de erotismo, de pornografia), não temos nenhuma história dos perversos. No que se refere à perversão enquanto denominação, estrutura e vocábulo, não foi estudada senão pelos psicanalistas.

Inspirando-se em Georges Bataille, Michel Foucault planejara incluir em sua *História da sexualidade* um capítulo dedicado ao povo dos perversos, isto é, aos que são designados como tais pelas sociedades humanas, preocupadas em se distanciar de uma parte maldita de si mesmas. Inversamente simétricas às vidas exemplares dos homens ilustres, dizia ele em suma, as dos perversos são inomináveis: infames, minúsculas, anônimas, miseráveis.¹

Essas vidas paralelas e anormais, como sabemos, são innarráveis, não tendo em geral outro eco senão o de sua condenação. E, quando adquirem uma reputação, é mediante o

¹ Michel Foucault, *História da sexualidade*, vol.1: *A vontade de saber* (Paris, 1976), Rio de Janeiro, Graal, 2ª ed. 1979; *Herculine Babin, dite Alexina B.*, Paris, Gallimard, col. Les Vies Parallèles, 1978, apresentado por Michel Foucault. Cf. também Pierre Michon, *Vidas minúsculas* (Paris, 1984), Rio de Janeiro, Estação Liberdade, 2004.

poder de uma criminalidade excepcional, julgada bestial, monstruosa, inumana, vista como extrínseca à própria humanidade do homem. Atesta isso a história incessantemente reinventada dos grandes criminosos perversos, de epítetos assustadores: Gilles de Rais (Barba Azul), George Chapman (Jack o Estripador), Erzebet Bathory (a Condessa de Sangue), Peter Kürten (o Vampiro de Düsseldorf).² Infindavelmente representados em romances, contos, filmes ou monografias, essas criaturas malditas suscitam, por seu estranho status — metade homens, metade animais —, um fascínio recorrente.

Eis por que entraremos aqui no universo da perversão, bem como na vida paralela dos perversos, pela via da metamorfose e da animalidade, dois temas universais. Menos por intermédio dos poemas épicos que relatam a transformação dos homens em animais, fontes ou vegetais que pelo mergulho no pesadelo de uma infinita redefinição, que faz aparecer, em toda a sua crueldade, o que o homem procura travestir. Com 20 anos de intervalo, entre 1890 e 1914, dois personagens da literatura européia, Dorian Gray e Gregor Samsa,³ investiram-se de suas formas, um para fazer cintilar contra a medicina mental a grandeza do desejo perverso no cerne de uma aristocracia caduca que preferia servir à arte em vez de ao poder, o outro para desmascarar a nudez abjeta no cerne da normalidade burguesa.

Identificado com seu retrato, de uma beleza deslumbrante, Dorian Gray entrega-se secretamente ao vício e ao crime ao mesmo tempo em que leva uma vida opulenta. Embora conserve os traços de sua eterna juventude, as metamorfoses de sua

² Modelo de *M, o Vampiro de Düsseldorf*, filme de Fritz Lang (1931), com Peter Lorre no papel do assassino, condenado à morte por um tribunal de ladrões tão criminosos quanto ele e que lembram os nazistas.

³ Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray* (1890), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. Franz Kafka, *A metamorfose* (1912), São Paulo, Companhia das Letras, 2000, trad. de Modesto Carone.

subjetividade pervertida gravam-se sobre a obra pintada, tais como emblemas de uma raça maldita. Quanto a Gregor Samsa, sua mutação radical em um inseto gigante revela, ao contrário, a grandeza de sua alma sedenta de ternura. Mas o ódio suscitado nos seus familiares pela visão de seu corpo imundo o levará a deixar-se apodrecer, e depois a ser expelido como um dejetivo, após ter sido apedrejado pelo pai.

Onde começa a perversão e quem são os perversos?⁴ Eis a pergunta a que este livro tenta responder, reunindo abordagens até então independentes, misturando a uma análise da noção de perversão não apenas retratos de perversos e uma exposição das grandes perversões sexuais, como também uma crítica das teorias e das práticas elaboradas, sobretudo a partir do século XIX, para pensar a perversão e designar os perversos.

Acompanharemos o desenrolar dessa história através de cinco capítulos, ao longo dos quais serão abordados sucessivamente: a época medieval, com Gilles de Rais, os santos místicos, os flagelantes; o século XVIII, em torno da vida e da obra

⁴ Forjado a partir do latim *perversio*, o substantivo “perversão” surge no francês entre 1308 e 1444 [no português, entre 1562 e 1575, com a mesma origem]. Quanto ao adjetivo “perverso”, é atestado em 1190, derivando de *perversitas* e *perversus*, particípio passado de *pervertere*: retornar, derrubar, inverter, mas também erodir, desorganizar, cometer extravagâncias. É, portanto, perverso — não há senão um adjetivo para diversos substantivos — aquele acometido de *perversitas*, isto é, de perversidade (ou perversão). Cf. O. Bloch e W. von Wartburg, *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, PUF, 1964. E Émile Littré: “Transformação do bem em mal. A perversão dos costumes. Distúrbio, perturbação. Há perversão do apetite na pica, da visão na diplopia.”, in *Dictionnaire de la langue française*, t.5, Paris, Gallimard-Hachette, 1966. “Pica” é um termo de medicina derivado de “pega” (a ave que come todo tipo de coisas). Designa uma perversão do paladar caracterizada pela aversão aos alimentos corriqueiros e pelo desejo de comer substâncias não-nutrientes: carvão, gesso, raízes. A diplopia é uma alteração da visão, uma má convergência, que faz com que vejamos dois objetos em lugar de um.

do marquês de Sade; o século XIX, o da medicina mental, com sua descrição das perversões sexuais e sua obsessão pela criança masturbadora, o homossexual e a mulher histórica; por fim, o século XX, em que se opera, com o nazismo — e sobretudo nas confissões de Rudolf Höss a respeito de Auschwitz —, a metamorfose mais abjeta possível da perversão, antes que esta termine por ser qualificada, em nossos dias, como um distúrbio de identidade, um estado de delinqüência, um desvio, sem que com isso cesse de se desdobrar em múltiplas facetas: zoofilia, pedofilia, terrorismo, transexualidade.

Confundida com a perversidade, a perversão era vista antigamente — em especial da Idade Média ao fim da idade clássica⁵ — como uma forma particular de abalar a ordem natural do mundo e converter os homens ao vício,⁶ tanto para desvirtuá-los e corrompê-los como para lhes evitar toda forma de confronto com a soberania do bem e da verdade.

O ato de perverter supunha então a existência de uma autoridade divina. E aquele que se atribuía como missão arrastar a humanidade inteira para a autodestruição não tinha outro destino senão espreitar, no rosto da Lei por ele transgredida, o reflexo do desafio singular que ele lançara a Deus. Demoníaco, amaldiçoado, criminoso, devasso, torturador, lascivo, fraudador, charlatão, delituoso, o pervertedor era em primeiro lugar uma criatura dúbia, atormentada pela figura do Diabo, mas ao mesmo tempo habitada por um ideal do bem que ele não ces-

⁵ Quando será vista como uma doença pela psiquiatria.

⁶ Os famosos sete pecados capitais, definidos pelo catolicismo, são na realidade vícios, excessos, e portanto a expressão dessa desmedida passional e desse gozo do mal que caracterizam a perversão. São chamados capitais porque deles decorrem os outros, e, a cada um, é atribuída uma figura do Diabo: avareza (Mammon), ira (Satã), inveja (Leviatã), gula (Belzebu), luxúria (Asmodeu), orgulho (Lúcifer), preguiça (Belfegor).

sava de destruir a fim de oferecer a Deus, seu senhor e seu carrasco, o espetáculo de seu próprio corpo reduzido a um dejetivo.

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo.

Mas a perversão é também criatividade, superação de si, grandeza. Nesse sentido, pode ser entendida como o acesso à mais elevada das liberdades, uma vez que autoriza aquele que a encarna a ser simultaneamente carrasco e vítima, senhor e escravo, bárbaro e civilizado. O fascínio exercido sobre nós pela perversão deve-se precisamente a que ela pode ser ora sublime, ora abjeta. Sublime, ao se manifestar nos rebeldes de caráter prometéico, que se negam a se submeter à lei dos homens, ao preço de sua própria exclusão;⁷ abjeta, ao se tornar, como no exercício das ditaduras mais ferozes, a expressão soberana de uma fria destruição de todo laço genealógico.

Seja gozo do mal ou paixão pelo soberano bem, a perversão é uma circunstância da espécie humana: o mundo animal está excluído dela, assim como do crime. Não somente é uma circunstância humana, presente em todas as culturas, como supõe a preexistência da fala, da linguagem, da arte, até mesmo de um discurso sobre a arte e sobre o sexo: “Imaginemos uma sociedade sem linguagem”, escreve Roland Barthes, “eis que um homem nela copula com uma mulher, *a tergo*, misturando à sua ação um pouco de pasta de trigo. Nesse nível, não há nenhuma perversão.”⁸

⁷ Cf. Henri Rey-Flaud, *Le démenti pervers*, Paris, Aubier, 2002.

⁸ Roland Barthes, *Sade, Fourier, Loyola* (1971), *Œuvres complètes III*, Paris, Seuil, 2002, p.857 [ed. bras.: *Sade, Fourier, Loyola*, São Paulo, Martins Fontes, 2005].

A perversão não existe, em outras palavras, senão como uma extirpação do ser da ordem da natureza. E com isso, através da fala do sujeito, só faz imitar o reino natural de que foi extirpada a fim de melhor parodiá-lo. Eis efetivamente por que o discurso do perverso repousa sempre num maniqueísmo que parece excluir a parte de sombra à qual não obstante deve sua existência. Absoluto do bem ou loucura do mal, vício ou virtude, danação ou salvação: este é o universo fechado no qual o perverso circula deleitosamente, fascinado pela idéia de poder libertar-se do tempo e da morte.⁹

Se nenhuma perversão é pensável sem a instauração de interditos fundamentais — religiosos ou profanos — que governem as sociedades, nenhuma prática sexual humana é possível sem o suporte de uma retórica. E é efetivamente porque a perversão é desejável, como o crime, o incesto e o excesso, que foi preciso designá-la não apenas como uma transgressão ou anomalia, mas também como um discurso noturno em que sempre se enunciaria, no ódio de si e na fascinação pela morte, a grande maldição do gozo ilimitado. Por esta razão — e é Freud o primeiro a avaliar seu alcance teórico —, ela está presente, decerto em diversos graus, em todas as formas de sexualidade humana.

A perversão, portanto, é um fenômeno sexual, político, social, psíquico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas. E se todas as culturas partilham atitudes coerentes — proibição do incesto, delimitação da loucura, designação do monstruoso ou do anormal —, a perversão naturalmente tem seu lugar nessa combinatória. Porém, pelo seu status psíquico, que remete à essência de uma clivagem, ela é igualmente uma necessidade social. Ao mesmo tempo em que pre-

⁹ Cf. Catherine Millot, *Gide, Genet, Mishima: inteligência da perversão* (Paris, 1996), Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2004.

serva a norma, assegura à espécie humana a subsistência de seus prazeres e transgressões. Que faríamos sem Sade, Mishima, Jean Genet, Pasolini, Hitchcock e muitos outros, que nos deram as obras mais refinadas possíveis? Que faríamos se não pudéssemos apontar como bodes expiatórios — isto é, perversos — aqueles que aceitam traduzir em estranhas atitudes as tendências inconfessáveis que nos habitam e que recalcamos?

Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às suas pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos.

Liduína de Schiedam, santa mártir

Quando seu pai quis casá-la, Liduína explicou que preferia tornar-se feia a sofrer tal destino. Dessa forma, a partir dos 15 anos de idade, horrorizada com a perspectiva de um ato sexual e após ter sido vítima de uma queda num rio congelado, soçobrou na doença. Uma vez que Deus não pode apegar-se senão a carnes imundas, ela desejava, dizia, obedecer a esse senhor e servir seu ideal, tornando-se carrasco de si mesma ao substituir o encanto de seu belo rosto pelo horror de uma face escalavrada. Então, durante 38 anos, levou a vida de uma grabatária, impondo a seu corpo terríveis sofrimentos: gangrena, epilepsia, peste, fratura dos membros.

Quanto mais os médicos acorriam à sua cabeceira para extirpar o mal, examinar seus órgãos e, às vezes, retirá-los do corpo para limpá-los, mais a doença piorava — sem com isso levá-la à morte. Assim, a bem-aventurada considerava seu estado como um dom de Deus. Após a morte da mãe, desfez-se de todos os seus bens, incluindo sua cama. Como Jó, viveu numa tábuca coberta de esterco, amarrada a uma correia de crina que fazia de sua pele uma chaga purulenta.

Depois de apontada como suspeita de heresia, em virtude de sua resistência à morte, Liduína foi marcada por estigmas: de suas mãos emanava o cheiro dos arômatas da Índia e das es-

peciarias do Levante. Magistrados, sacerdotes ou pacientes incuráveis atiravam-se a seus pés para receberem sua graça. Teve êxtases e viu aparições. Porém, à noite às vezes soluçava, desafiando seu senhor para em seguida reivindicar-lhe mais sofrimento. Na hora de sua morte, Jesus visitou-a e lhe falou dos horrores dos tempos de então: reis corruptos e loucos, pilhagens, sabás, missas negras. Entretanto, enquanto ela se desesperava com a inutilidade de seus suplícios, ele a fez vislumbrar o avesso sublime daquele século abjeto: o exército de santos em marcha rumo à reconquista da salvação.

Quando ela cessou de viver, as testemunhas quiseram saber se, como ela o predissera, suas mãos voltariam a se unir. Houve uma exclamação de júbilo: a bem-aventurada voltara a ser “o que era antes de suas doenças, viçosa e loura, jovem e carnuda Do corte na testa que tanto a desfigurara, não subsistia nenhuma cicatriz: as úlceras, as feridas haviam desaparecido”.

Liduína foi canonizada em 1890, e glorificada por Huysmans dez anos mais tarde, no momento em que a medicina mental classificava os comportamentos transgressivos das mulheres exaltadas na categoria das perversões: gozo da sujeira, da poluição, dos excrementos, da urina, da lama.

Gilles de Rais, o barba azul

Depois da morte do avô, em novembro de 1432, Gilles de Rais embrenhou-se no crime: em Champtocé, Tiffauges, Macheoul. Cercado por serviçais, que eram seus fornecedores, seqüestrava crianças das famílias camponesas e lhes impunha as piores sevícias. Retalhava os corpos, arrancava os órgãos, corações sobretudo, dando-se ao trabalho de sodomizá-las na hora de sua agonia. Freqüentemente, tomado pelo furor, usava seu membro ereto para esfregá-lo contra os ventres dilacerados. Era quando entrava numa espécie de delírio no momento da ejaculação. Preocupado com a estética e a perfeição teatral, escolhia as crianças mais bonitas — meninos de preferência —, fazendo-se passar por seu salvador e atribuindo o vício a seus lacaios. Assim, obtinha as mímicas desejadas. Seduzidas e sedutoras, as crianças eram misericordiosas com ele, sem saber que lhe provocavam intensa excitação. No auge da loucura, ele lhes rachava o crânio, depois entrava em transe, invocando o demônio ou transformando-se ele próprio num dejetivo, sujo de sangue, espermatozóide e restos de comida.

Marquês de Sade

Claro, o universo romanesco de Sade é povoado por grandes feras libertinas — Blangis, Dolmancé, Saint-Fond, Bressac, Bandole, Curval, Durcet —, mas em nenhum momento estes reivindicam qualquer filosofia do prazer, do erotismo, da natureza ou da liberdade individual. Muito pelo contrário, o que põem em ação é uma vontade de destruir o outro e se autodestruir num transbordamento dos sentidos. Em tal sistema, a natureza é claramente reivindicada como fundamento possível de um direito natural, mas sob a condição de que seja apreendida como a fonte de todos os despotismos. A natureza no sentido sadiano é atormentada, passional, excessiva, e a melhor maneira de servi-la é seguir seu exemplo. Sade distorce então o Iluminismo numa “filosofia do crime e a libertinagem numa dança da morte”. Contra os enciclopedistas, que tentam explicar o mundo pela razão e por uma exposição dos saberes e técnicas, Sade constrói uma Enciclopédia do mal fundada na necessidade de uma rigorosa pedagogia do gozo ilimitado.

Eis por quê, ao descrever o ato sexual libertino — sempre fundado no primado da sodomia —, compara-o ao esplendor de um discurso perfeitamente construído. Ou seja, a princípio, o ato sexual perverso, em sua formulação mais altamente civi-

lizada, e mais sombriamente rebelde — a de um Sade ainda não definido como sádico pelo discurso psiquiátrico —, é um relato, uma oração fúnebre, uma educação macabra, em suma, uma arte da enunciação tão ordenada quanto uma gramática e tão desprovida de afeto quanto um curso de retórica.

O ato sexual sadiano não existe senão como uma combinação cuja significação excita o imaginário humano: um real em estado puro, impossível de simbolizar. O esperma — ou melhor, a “porra” — fala nesse caso em lugar do sujeito. “Na posição em que me instalo”, diz Dolmancé a Eugénie no momento em que esta é “agarrada” por Madame de Saint-Ange, “minha vara está rente às suas mãos, senhora. Faça a mercê de masturbá-la, por favor, enquanto chupo esse cu divino. Enfie mais a língua; não se limite a lhe chupar o clitóris; faça essa língua voluptuosa penetrar até a matriz: é a melhor maneira de apressar a ejaculação da sua porra.”

Rudolf Höss & o nazismo

Na realidade, o que choca nos depoimentos dos genocidas nazistas é que a pavorosa normalidade de que eles dão prova é efetivamente o sintoma não de uma perversão no sentido clínico do termo (sexual, esquizóide ou outra), mas de uma adesão a um sistema perverso que sintetiza, sozinho, o conjunto de todas as perversões possíveis.

Nos campos, com efeito, todas as componentes de um gozo do mal completamente *estatizado* ou *normalizado* estavam presentes sob formas diversas: escravidão, torturas psíquicas e corporais, tonsura dos cabelos, afogamento, estrangulamento, assassinato, eletrocução, humilhação, aviltamento, estupros, sevícias, degradações, vivisseção, tatuagens, desnutrição, violências sexuais, proxenetismo, experimentos médicos, devoramento por cães etc. Em suma, o conjunto do sistema genocida visava não apenas ao extermínio de todas as categorias ditas “impuras” do gênero humano, mas também à fabricação do “prazer extraordinário”, segundo a fórmula de Eugen Kogon, que os carrascos da SS podiam ter nisso. Como prova esse relato, que resume o essencial da estrutura perversa típica do nazismo, uma estrutura da qual está excluído todo acesso possível à sublimação — inclusive a sacrificial: “O oficial SS faz sair das fileiras três músicos judeus. Pede-lhes para executarem um trio

de Schubert. Abalado por essa música, que ele adora, o oficial SS deixa as lágrimas invadirem-lhe os olhos. Em seguida, uma vez terminada a peça, envia os três músicos para a câmara de gás.” Como não pensar aqui no famoso Lazarus Morell, descrito por Borges, que se apresentava como um redentor da humanidade? Ele resgatava os escravos e só os punha em liberdade para melhor se deleitar com o prazer de exterminá-los...

Para além de todas as diferenças que os caracterizavam — Höss não se parece nem com Eichmann, nem com Himmler, nem com Göring —, os genocidas e dignitários nazistas tiveram como ponto comum renegar os atos que haviam cometido. Confessem o crime ou refutem sua existência, a atitude é a mesma. Trata-se ora de negar um ato, ora de fingir ignorá-lo para reportar sua causalidade original a uma autoridade idealizada, como se o “obedecei ordens” pudesse contribuir para inocentar seu autor e deliciá-lo com sua arte da renegação e do travestimento.

E, uma vez que a adesão fanática a um sistema perverso leva a uma renegação primordial do ato, compreendemos por que os genocidas nazistas não se contentaram em negar o crime que haviam cometido. Fizeram questão, por toda parte, de acrescentar à renegação um desmentido suplementar, consumando assim um crime perfeito, que consistia em apagar todo e qualquer vestígio de aniquilamento. Matar o judeu e matar também a testemunha da matança, eis o mandamento principal dos responsáveis pelo extermínio. Assim, os Sonderkommando, encarregados pelos SS de esvaziar as câmaras de gás e queimar os corpos nos crematórios, eram escolhidos porque eram judeus e, portanto, destinados a ser exterminados por sua vez a fim de jamais virem a testemunhar o que presenciaram.

(...)

É naturalmente aos judeus que Höss concede o prêmio da vileza, ao mesmo tempo em que afirma nunca ter sentido a me-

nor hostilidade a seu respeito. Chega inclusive a condenar o anti-semitismo pornográfico de Julius Streicher, que, a seus olhos, ridiculariza o anti-semitismo “sério”. Descreve os judeus como criaturas ignóbeis que poderiam muito bem ter fugido da Alemanha em vez de atulhar os campos de concentração e obrigar assim os infelizes SS a exterminá-los. Personificação do mal, perverso entre os perversos, o judeu seria assim, segundo a classificação de Höss, responsável pelo ódio que suscita e portanto pela necessidade de sua própria condenação à morte. “Conheço o caso de um judeu”, conta ele horrorizado com tanta perversão, “que mandou um enfermeiro arrancar-lhe as unhas do pé, enfermeiro ao qual ele dera de presente uma caixa de cigarros, conseguindo assim ser hospitalizado.”